

Investigações pós-coloniais: Pepetela e Francisco José Viegas

Mário César Lugarinho*

Resumo

O texto pretende estudar a produção dos escritores Francisco José Viegas, português, e Pepetela, angolano, procurando observar como, no alvorecer do século XXI, ambos promoveram, em suas obras, o encontro não apenas de temas comuns, mas, principalmente, de estratégias semelhantes, inaugurando o século com narrativas que, de certa forma, representavam uma ruptura com a obra que haviam desenvolvido até então.

Palavras-chave: Francisco José Viegas; Pepetela; Narrativa policial; Romance pós-colonial.

É curioso observar que dois autores com produção tão variada, no alvorecer do século XXI, tenham promovido, em suas obras, o encontro não apenas de temas comuns, mas, principalmente, de estratégias semelhantes. Refiro-me aos escritores Francisco José Viegas, português, e Pepetela, angolano. Ambos inauguraram o século com narrativas que, de certa forma, representavam uma ruptura com as obras que haviam desenvolvido até então. Viegas, autor de inúmeras narrativas policiais, aproxima-se do romance pós-colonial e Pepetela, por sua vez, autor reconhecido no âmbito da literatura pós-colonial, aproximara-se do romance policial.

O que poderia significar esse movimento de aproximação de dois autores tão diferentes entre si? Certamente, não tenho a resposta correta, mas, a exemplo de ambos, posso arriscar seguir algumas pistas e, assim, tecer algumas conclusões.

Pensar a produção da narrativa policial contemporânea requer um esforço que vai para além da mera descrição de modelos narrativos já exaustivamente detalhados tanto por Todorov (1969) quanto por Umberto Eco (1984). Aliás, coube ao primeiro detalhar a narrativa tradicional, aquela a que nos acostumamos desde o século XIX, com Poe e Conan Doyle; coube ao segundo, em sentido contrário,

* Universidade de São Paulo – USP.

trazer as considerações acerca do que viria a ser a narrativa policial depois de si, dado o absoluto sucesso de sua obra **O nome da rosa** (1985).

Aliás, é preciso concordar com Linda Hutcheon (1992) que o primeiro romance de Eco redefiniu não apenas a tradição romanesca, como também apontou caminhos outros para a crítica ao, no dizer da estudiosa, constituir-se no modelo de romance pós-moderno. A novidade de Eco, segundo Hutcheon, estava em aliar a reflexão historiográfica a um modo de narrar que não escondia as estratégias narrativas oriundas da tradição do romance policial.

Todorov (1969), por sua vez, descrevera, que no romance policial, o que importava era o encadeamento de sequências narrativas que detinham o leitor num suspense constante para o desfecho final, com a ansiada catarse. Entretanto, Viegas e Pepetela, nas obras em foco, se desviam das lições dos mestres do suspense, como Edgar Allan Poe, Conan Doyle ou mesmo Agatha Christie, buscando outros caminhos que, principalmente, não apenas renovam o gênero do romance policial, mas o próprio gênero romanesco em Língua Portuguesa.

A produção a que nos referimos não se restringe unicamente à língua portuguesa. Ela se desenvolve na esteira do que vem sendo denominado, de maneira larga, literatura pós-colonial, na medida em que se estende desde o romance chicano às narrativas afro-americanas, passando por produções em língua francesa e espanhola, na América Latina (PORTILHO, 2006a e 2006b).

O que se observa, entretanto, é que a referida renovação do gênero investe no desenvolvimento narrativo, mudando a direção da evolução narrativa da resolução do mistério para o investimento direto no processo em que se desenvolve o suspense, característico desse tipo de narrativa.

Podemos eleger Jorge Luis Borges (1970) como o criador da narrativa que será o paradigma desse processo. Seu conto “La muerte y la brujula” (A morte e a bússola) é a síntese mais flagrante desse processo que esta parcela da literatura policial vem experimentando.

A narrativa de Borges, como se sabe, apresenta um *serial killer* que está sendo investigado e perseguido por um detetive o qual insiste em buscar um padrão no comportamento criminoso do assassino, a fim de poder prever suas ações e, com isso, adiantar-se aos atos dele, flagrando-o antes da consumação dos crimes. Após algumas tentativas frustradas, e por algumas vezes, o investigador consegue aproximar-se, em vão, do criminoso em seu momento de fuga. O assassino escapa-lhe por um triz. Quando enfim é pego, confessa que nunca houvera um padrão para cometer os seus crimes, mas percebera que o investigador apresentava um padrão em sua caçada. Dessa forma, passara a comportar-se no padrão instituído pela

investigação. Por meio desse conto, Borges deixava claro que o importante nesse tipo de narrativa, era o processo investigativo e não a resolução do mistério. Na verdade, a investigação era o processo de constituição de sentido num conjunto de elementos onde não existiria sentido algum que os organizasse.

Recuperemos as características tradicionais do romance policial para compreendermos o que Borges e Eco, mais tarde, iniciariam. É preciso ter em mente que, nesse tipo de narrativa, segue-se uma estrutura mais simples, que se pode descrever através do modelo proppiano; uma situação inicial, em equilíbrio, é desestabilizada e caberá ao investigador, travestido de herói, restaurar o equilíbrio inicial. Na narrativa policial, temos a similitude entre ordem social e equilíbrio inicial, já que trata-se de um crime para o qual se busca a punição e a justiça. O investigador, em seu ofício, é também um agente comprometido com a justiça e com a ordem social que deverá restaurar.

Com o aparecimento do *roman noir*, na década de 20, o comprometimento do investigador com a ordem social passou a ser diluído, até porque se passava a desconfiar da própria ordem que se buscava (re)instalar.

Podemos passar, nesse tempo curto de que dispomos, ao largo da discussão que relaciona o romance policial com a cultura de massa, na medida em que concordarmos que a obra de Umberto Eco, acompanhada da reflexão de Linda Hutcheon, ultrapassou esse problema e abriu espaço para pensar-se nas estratégias narrativas do romance policial no interior daquilo que se convencionou denominar de “alta literatura”.

Quando verificamos o encontro de Pepetela com Viegas, chama-nos a atenção que seus romances estabelecem uma excentricidade com o fato narrado, ou melhor, com o crime a ser desvendado, já que o que interessa ao narrador não é desvendar o mistério, mas colocar em suspenso a própria ordem que se pensa em restaurar. Estamos, assim, com textos que pretendem quebrar as expectativas dos leitores usuais desse tipo de narrativa e instaurarem outros sentidos que se apóiam por sobre a busca de sentido.

Em **Jaime Bunda** (2002), Pepetela constrói um anti-herói, um anti-investigador, ao constituir o personagem na contra-mão de todos os seus antecessores, já que qualquer outro investigador pode parecer mais capaz do que o protagonista para resolver o mistério que se apresenta a ele. Por sua vez, em **Lourenço Marques** (2001)¹, o crime que abre o enredo é pano de fundo para a narrativa de viagem que se estabelece no romance, no entanto, ao leitor será desvendado o mistério,

1 - **Lourenço Marques** foi publicado no Brasil com o título **A luz do Índico**, em 2005, pela Editora Língua Geral.

na medida em que a viagem e a investigação vão se tornando a mesma coisa. A restauração da ordem é, enfim, o que menos importa em ambos os romances, já que o foco narrativo se estabiliza por sobre outras considerações que não o crime em si. Alargados para além do crime, os focos narrativos dão conta, muito além dos delitos que tentam desvendar – em ambos, o processo investigativo direciona-se para a análise do complexo social em que se instalam. Pepetela focaliza a fragmentação da sociedade angolana, retomando o tema que já explorara em **O cão e os caluandas** (1981) e Viegas focaliza o mesmo processo fragmentário cujo palco são as cidades sobrepostas de **Lourenço Marques** sob Maputo. Os crimes são meros pretextos para a observação de cada sociedade e para que se verifique que o sentido a ser construído pelas narrativas, para a constituição do processo investigativo encontra-se alhures, para além do crime e em espaços diversos daqueles onde as pistas poderiam ser buscadas.

Se em **Jaime Bunda** o acaso é quase o responsável pela solução da investigação, e por isso o investigador é adjuvante de um processo que se encontra para além de seus esforços, em **Lourenço Marques**, o processo investigativo se dá no íntimo do protagonista, cujos fragmentos de memória precisam ser reorganizados diante do presente e da história com que se depara em Maputo. Dessa forma, o que nos resta são os relatos que, no correr da investigação, são observados como metonímia de uma coletividade. De súbito, somos levados a tomar contato com um cadáver – para variar incômodo, como todos os cadáveres o são. Mas, a narrativa não é sobre o cadáver de Gustavo Madane, um moçambicano com várias passagens pela polícia. Ele serve, como nas várias narrativas policiais, para introduzir uma ação e uma investigação – aqui, no caso, de outra ordem. Não se trata da investigação sobre esta morte, mas sobre a morte de Lourenço Marques. Não do militar colonialista que deu nome à cidade, mas da própria cidade, “a pérola do Índico”, que desaparecera sob a Maputo independente.

É importante sublinhar que, ao lado da viagem de Miguel, estão encenados os outros discursos que concorrem com a memória do protagonista. O autor, com maestria, confronta Miguel com a história de Gustavo Mandane, o cadáver das primeiras páginas. O pobre defunto é a alegoria dos tempos passados, na medida em que, por artes de um narrador acostumado às coincidências dos romances policiais, conviveu com Miguel e Sara nos tempos da antiga Lourenço Marques e reencontrou Sara nos tempos de Maputo. A narrativa se completa com o fato de não haver sentido algum a ser buscado – Miguel não reencontra Sara frustrando os leitores dos romances cor-de-rosa, ou dos romances negros, aliás, tática bem frequente nas narrativas de Viegas – mas reencontra algum fio de si, isto é,

reencontra o fio de sua memória. Mas, o que mais chama a atenção é a presença tutelar do investigador de polícia Domingos Assor, que insiste num processo de doação de sentido permanente às ações de Miguel, buscando dar ordem ao crime que investiga. Miguel, por sua vez, fica à deriva, com suas memórias que não conseguem oferecer-lhe sentido algum. De igual maneira, observamos que, em **Jaime Bunda**, a questão do sentido se dá não pela resolução da investigação e de sua aclamação como herói, mas pela reintrodução, na narrativa, do personagem Gegê, aquele que será capaz de dar um fio de esperança à paisagem social melancólica que o romance desenha.

Vale assinalar que há uma utopia, *lato sensu*, a animar tais obras. Ela não se dirige para o futuro, nem para a distância, mas volta-se para o presente, para o próximo, tempo e espaço em que o sujeito sobrevive.

Dessa maneira, ambos os romances abrem questões que urge serem revistas – primeiro, o recurso evidente da narrativa policial para tratar de questões pertinentes à situação pós-colonial; segundo, o fato de a melancolia emergir como força incontornável que fomenta a sociedade pós-colonial.

É evidente que ambas as questões se entrelaçam e formam um mesmo conjunto, dado pelos impasses históricos experimentados pelas sociedades que emergiram das independências africanas e do processo de descolonização portuguesa. Ambos evidenciam que a busca de sentido dada a partir dos crimes investigados, não trará a ordem almejada nem restabelecerá um equilíbrio anterior, já que, em ambos, tal fato dependeria da História retroceder e estabelecer o que nunca havia nela tido lugar. Mesmo na memória de Miguel, a nostalgia da ordem é a saudade de um tempo que fora fixado unicamente em sua memória de adolescente, que não tivera inserção alguma na série histórica moçambicana e do qual o cadáver de Gustavo Madane torna-se a única testemunha. Em **Jaime Bunda**, a orientação possível, assumida pelo sentido, é dada para além dos aparatos estatais e mesmo sociais, na medida em que é um personagem secundário que assume o papel de ofertar à narrativa o futuro como saída, Gegê será aquele que dará o futuro como orientação para o sentido, para além da resolução da investigação, já que a narrativa não se deixa esgotar com sua resolução. O futuro, na verdade, em **Jaime Bunda** é metáfora do presente, visto que a importância dada a Gegê pela narrativa é a sua garantia de sobrevivência.

Ousaria concluir que ambas as narrativas apresentam, como um outro sentido, tanto para o gênero policial quanto para a narrativa pós-colonial, que estamos diante de uma busca incessante de sentido nessas sociedades, que os marcos históricos que os estados dispuseram não estabelecem uma orientação segura para

o indivíduo. Os sentidos parecem, assim, apontar continuamente para a margem da sociedade organizada, requerendo, continuamente, a sua revisão e a sua orientação.

Abstract

The text aims to study the production of writers Francisco José Viegas, Portuguese, and Pepetela, Angola, trying to see how, at the dawn of the century, both promoted in his works, not only against the common themes, but principally, strategies similar, inaugurating the new century with narratives that somehow represented a break with the work that had developed by then.

Key words: Francisco José Viegas; Pepetela; Narrative police; Romance postcolonial.

Referências

- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Abril Cultural, 1970.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ECO, Umberto. **Pós-escrito ao Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- PEPETELA. **Jaime Bunda**. Lisboa: Caminho, 2002.
- PEPETELA. **O cão e os caluandas**. Lisboa: Dom Quixote, 1981.
- PORTILHO, Carla. Beyond Poirot, Holmes and Marlowe: subverting tradition in Chicano detective fiction. In: SEMINÁRIO DE LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA, 4, 2005, Rio de Janeiro. **As faces da literatura**: representações de realidades. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 2006a, p. 10-15.
- PORTILHO, Carla. Esfregar, arrumar, xeretar: rumos da ficção policial no romance Blanche on the Lam. In: SANTOS, Eloina Prati dos; TORRES, Sonia. (Org.) **Outras literaturas anglófonas**: (des)escrevendo império. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 2006b, p. 51-66.
- TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. In: TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1969, 93-104.
- VIEGAS, Francisco José. **Lourenço Marques**. Porto: Asa, 2001.